

#cm
2
TERÇA-FEIRA



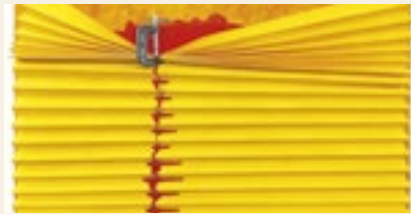
'Paraíso Prometido', pérola franco-tunisana, brilha em Marrakech

PÁGINA 5



Alfredo De-Penho e Pedro Paulo Malta unem timbres em novo álbum

PÁGINA 6



Paulistano Gilberto Salvador volta a expor suas obras no Rio

PÁGINA 8



Victor Juca/Divulgação

‘O Agente Secreto’ em direção ao Oscar

Longa de Kleber Mendonça Filho **recebe três indicações** ao Globo de Ouro e pavimenta seu caminho rumo à premiação máxima do cinema mundial. **Wagner Moura figura na relação de melhores atores** ao lado de astros como Dwayne ‘The Rock’ Johnson, Michael B. Jordan e Jeremy Allen White. O filme ainda foi citado como **melhor filme e melhor filme estrangeiro**. Quem nos conta essa história nas páginas seguintes é **o nosso crítico Rodrigo Fonseca**



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Cerca de onze meses depois de aplaudir a vitória de Fernanda Torres na conquista do Globo de Ouro, por “Ainda Estou Aqui”, o Brasil volta a emplacar concorrentes (e com fôlego para vencer) na corrida pela estatueta anual da associação de jornalistas estrangeiros especializados na produção audiovisual. “O Agente Secreto” e seu protagonista, Wagner Moura, estão no páreo do prêmio americano que, embora tenha um colegiado votante (formado por 400 repórteres de 95 países) distinto do rol de integrantes da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, é um dos termômetros para o que veremos no Oscar de 2026, em março.

O anúncio oficial da Golden Globe Foundation, feito pela atriz Skye P. Marshall e pelo ator Marlon Wayans ao longo da manhã desta segunda-feira (8), incluiu a produção pernambucana pilotada pelo diretor Kleber Mendonça Filho em três categorias: Melhor Filme de Língua Não Inglesa, Melhor Ator de Drama e Melhor Filme de Drama, num feito raro para a América Latina. O troféu será entregue no dia 11 de janeiro, no Beverly Hilton Hotel, na Califórnia, com a comediante Nikki Glaser como apresentadora.

Sucesso de bilheteria em circuito nacional, com quase um milhão de tíquetes vendidos, o longa-metragem de Kleber - que estará lá em Beverly Hills nessa data - já soma cerca de 30 prêmios e teve seu cacife ampliado depois de ganhar a capa de dezembro da revista “Cahiers du Cinéma”, Bíblia da cinefilia mundial desde a década de 1950. Seu thriller, ambientado em 1977, e centrado na luta pela vida de um professor e pesquisador de universidade pública (papel de Wagner) perseguido por assassinos, integra o ranking de Dez Melhores Filmes do Ano do periódico francês.

Desde o Festival de Cannes, em maio, onde ganhou quatro prêmios (Melhor Direção, Melhor Ator, Láurea da Crítica e Láurea da Associação de Salas de Cinema de Arte e Ensaio), “O Agente Secreto” é só alegria - e sala cheia - por onde passa, sobretudo no crivo de resenhistas. Rendeu a Wagner o Prêmio de Interpretação do Círculo de Críticos de Nova York na semana passada e, no domingo, faturou o prêmio de melhor filme em língua não inglesa do Los Angeles Critics Association Awards.

No Globo de Ouro dos Estrangeiros, seus concorrentes são o sul-coreano “No Other Choice”, de Park Chan-wook; o rolo-compressor norueguês “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, tratado como um campeão nato; o tunisiano “A Voz de Hindi Rajab”, de Kaouther Ben Hania; o espanhol “Sirâr”, de Oliver Laxe; e “Foi Apenas Um Acidente”, do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma de Ouro deste ano e, se for ao Oscar, concorrerá pela França, sua coprodutora.

A trajetória de “O Agente Secreto” (já



Com cerca de 30 prêmios internacionais no currículo, desde a quádrupla vitória em Cannes, ‘O Agente Secreto’ trilha as atenções do Oscar 2026

Brasil na rota do Globo de Ouro... outra vez

Menos de um ano depois da vitória de Fernanda Torres, o cinema brasileiro concorre ao Globo de Ouro, agora em três frentes, representado por ‘O Agente Secreto’ e Wagner Moura

em exibição nos EUA) não deixa em nada a desejar à jornada vitoriosa que nosso cinema trilhou entre o segundo semestre de 2024 e março deste ano com “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles. São duas narrativas distintas, embora ambas se passem parcialmente na década de 1970 e deem ao regime militar de então uma abordagem crítica - cada um tratando a época à sua maneira.

Salles foi oscarizado em pleno carnaval. Contabilizou outros 78 prêmios, entre os quais o Grand Prix Fipresci de Melhor Filme do Ano, atribuído pela Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica, durante o Festival de San Sebastián, na Espanha. Faturou US\$ 36 milhões nas bilheterias internacionais e vendeu 5,8 milhões de ingressos no Brasil. Começou seu percurso com a



‘No Other Choice’, de Park Chan-wook, é um dos concorrentes estrangeiros do longa brasileiro

indicação ao Leão de Ouro de Veneza, onde ganhou o troféu de Melhor Roteiro de um júri chefiado pela diva francesa Isabel Huppert do qual Kleber fazia parte. A mudança de seu status na chamada Oscar Season - a temporada de premiações que, de novembro a fevereiro, antecede a cerimônia anual da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, aquecendo suas turbinas - se deu em 9 de dezembro do ano passado. Naquela data, a atriz Mindy Kaling e o ator Morris Chestnut anunciaram o certame do Globo de Ouro de 2025. “Ainda Estou Aqui” foi listado entre os competidores ao

título de Melhor Filme de Língua Não Inglesa e Fernanda Torres foi mencionada entre as estrelas que concorreriam à honraria de Melhor Atriz Dramática. O longa perdeu para o musical “Emilia Pérez”, do francês Jacques Audiard, mas Fernanda ganhou.

Kleber e sua produtora (e companheira) Emilie Lesclaux podem ter melhor chance tanto no Globo para as produções de idiomas que não sejam o Inglês, e na frente de Melhor Filme de Drama. Nessa vertente, o título com mais indicações não é americano, mas, sim, o supracitado “Valor Sentimental”, da Noruega - com oito indicações. Trata-se de uma história de amor triangular que envolve cinema, teatro e família. Um prestigiado documentarista escandinavo que um dia foi uma espécie de Bergman (vivido por Stel-

Victor Jucá/Divulgação

Divulgação



'Sirât', do espanhol Oliver Laxe, integra a lista dos concorrentes a filme em língua não-inglesa



'Sentimental Value', do norueguês Joachim Trier: um rolo compressor em premiações internacionais



O título com mais nomeações ao Globo de Ouro (nove) é 'Uma Batalha Após A Outra', com Leonardo DiCaprio



Uma van transforma-se num microcosmos de batalhas políticas de revanche contra as autoridades do Irã em 'Foi Apenas Um Acidente', também na lista

lan Skarsgaard) procura sua filha, uma atriz teatral de tarimba (Renate Reinsve), com o projeto de uma ficção. O tal filme recria a morte da mãe da jovem. Na competição de Cannes, esse estudo sobre culpa, remorso e perdão de Joachim Trier ganhou o Grande Prêmio do Júri, a láurea de maior peso logo depois da Palma dourada. Diante desse histórico, a expectativa diante de seus feitos na caça aos Globos de Ouro são altas. Trier vem fazendo sucesso em solo americano com “Mais Forte Que Bombas” (2015) e “A Pior Pessoa do Mundo” (2021), que fez de Renate uma estrela no âmbito dramático.

Na dinâmica da Golden Globe Foundation, as categorias são bloqueadas entre Drama (que engloba ainda Ação e Terror) e Comédia/Musical. Curiosamente, o título que,

no cômputo geral, mais nomeações recebeu, nove ao todo, é rotulado na premiação como expressão cômica, mas é um thriller: “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”). Dirigido por Paul Thomas Anderson, ele traz Leonardo DiCaprio no papel de um revolucionário aposentado que tenta proteger a filha (Chase Infiniti) de forças do governo. Chase concorre ao Globo de Melhor Atriz de Comédia e DiCaprio concorre ao de Melhor Ator Cômico. Na seara dos coadjuvantes, onde não há separação de gêneros, três outras de suas estrelas estão no páreo: Teyana Taylor, Benicio Del Toro e Sean Penn, arrasador na pele de um militar de extrema direita.

Seu realizador, Paul Thomas Anderson, desponta entre os indicados ao Globo

de Melhor Direção. Graças a filmes como “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000), “Embragado de Amó” (Melhor Realização em Cannes, em 2002) e “Sangue Negro” (2007), ele é um queridinho da imprensa. Com isso, pavimentou muito bem seu novo trabalho sobre as futuras decisões da Golden Globe Foundation, que tomou as rédeas dessa tradicional consagração ao esforço artístico num momento em que sua gestora anterior, a Hollywood Foreign Press Association (HFPA), estava em crise. Uma renovação se fez no prêmio.

Devassada por polêmicas na chegada dos anos 2020, a HFPA abriu suas portas em 1943, com o objetivo de estimular a circulação de notícias ligadas ao mais popular motel platônico do século XX – o cinema – para

além dos muros dos Estados Unidos, tendo como principal chamariz de seu trabalho a organização de um prêmio anual: o tal Globo de Ouro. A primeira cerimônia em que a láurea foi concedida ocorreu em 1944, no estúdio 20th Century Fox, de olho nos magnatas da indústria. Seu primeiro vencedor foi “A Canção de Bernardette”, que conquistou vitórias nas disputas de Melhor Filme, Direção (Henry King) e Atriz (Jennifer Jones). Seu troféu – caracterizado por uma reprodução da esfera terrestre rodeada por uma película de filme cinematográfico – teve vários designers ao longo das últimas oito décadas. A versão distribuída atualmente pesa cerca de 3,5 quilos; é feita de latão, zinco e bronze; mede 11,5 polegadas, acoplado a uma base retangular, vertical, de notável elegância. De 1950 até 2022, guerras internas – de egos e de condutas profissionais questionadas em parâmetros éticos – quase levou a festa de entrega dessa estatueta à extinção, sob a acusação de abusos de poder, falta de representatividade (das populações negras, asiáticas, indígenas) e sexismo.

A ameaça de cancelamento reinou sob as cabeças da HFPA até uma revitalização, em 2023, já sob as engrenagens da Golden Globe Foundation. Essa lanternagem (ética e estética) dá ao contingente de profissionais de mídia envolvidos em sua realização a chance de abrir as atividades para 2026 abençoada por toda a Meca do entretenimento.

Com a reformulação, a composição de seus integrantes com direito a voto se ampliou pelo planisfério adentro, o que justifica o fato de um artista na contramão dos algoritmos industriais, como Jafar Panahi, estar entre os indicados ao prêmio de Direção. Antes da Palma de Cannes com “Foi Apenas Um Acidente”, ele recebeu o Leão de Ouro (em 2000, por “O Círculo”) e o Urso de Ouro (em 2015, por “Táxi Teerá”). Ganhou mais respeito do que já tinha quando peitou as autoridades iranianas que o prenderam por “ferir a dignidade da nação” (leia-se: expor seu machismo e suas brutalidades estatais) ao fazer uma greve de fome na prisão e ao fazer filmes de seu presídio domiciliar. Sua possível vitória na enquete da Golden Globe Foundation pode ampliar sua força para o Oscar.

Quanto a Wagner Moura, que começou a despontar no exterior depois da consagração de “Tropa de Elite” (2007) no Festival de Berlim de 2008 (de onde saiu com o Urso de Ouro), a presença no Globo de Ouro não é novidade. Ele concorreu antes, em 2016, pela série da Netflix “Narcos”. Seu maior rival é Michael B. Jordan, que se divide em dois papéis (irmãos gêmeos) em “Pecadores”, um sucesso de bilheteria de Ryan Coogler, o pilar antirracista por trás de “Pantera Negra” (2018). Jordan encara dois malandros que abrem um bar nos Estados Unidos da Lei Seca – e da Ku Klux Klan – sem imaginar a presença de vampiros no local. Tais sugadores de sangue servem, no longa, de metáfora para a intolerância racial.

O êxito comercial do cinema de horror em 2025 foi valorizado nas indicações da Golden Globe Foundation para além de “Pecadores”. O destaque inusitado da premiação é “A Hora do Mal” (“Weapons”), de Zach Cregger, longa orçado em US\$ 38 milhões, que faturou uma baba (US\$ 268,2 milhões), e concorre aos prêmios de Melhor Blockbuster e Melhor Atriz Coadjuvante, numa revalorização da sumida Amy Madigan, tenebrosa no papel de uma bruxa.

O Globo de Ouro tem esse papel: impulsionar iniciativas que captaram corações e mentes.



PEDRO SOBREIRO

Um dos destaques do anúncio dos indicados ao Globo de Ouro foi a comédia “Marty Supreme”, de Josh Safdie, que vai concorrer nas categorias de melhor filme de comédia, melhor roteiro e melhor ator de comédia, com Timothée Chalamet.

Em plena campanha de lançamento do longa, que chega ao circuito exibidor brasileiro em 8 de janeiro, o protagonista e o diretor participaram na última semana de um evento exclusivo no BTG Pactual Hall, em São Paulo, onde apresentaram os 30 minutos iniciais de “Marty Supreme” e contaram um pouco mais sobre os bastidores da produção.

No evento promovido pela Diamond Films Brasil, Chalamet explicou o motivo de ter escolhido o Brasil para dar esse pontapé inicial na turnê internacional de “Marty Supreme”, destacando o amor que sentiu dos brasileiros em sua primeira vinda ao país, há dois anos, durante a CCXP23.

“Eu estive aqui no Brasil há uns dois anos, para a CCXP, e fui recebido por um público tão vibrante... Os fãs de cinema são muito apaixonados aqui, você sente isso. E é uma paixão que senti parecida com a do Marty [seu papel no filme] pelo esporte no filme, então me pareceu uma escolha óbvia. Sem contar que o país é incrível, e falo de coração”, explicou o ator americano, que recebeu nesta segunda-feira (8) sua sexta indicação ao Globo de Ouro e, provavelmente, será indicado ao Oscar pela terceira vez.

Complementando a fala de Chalamet, Safdie fez questão de falar sobre a influência do cinema brasileiro em sua juventude e em sua formação como cineasta. “Houve dois filmes extremamente poderosos que assisti enquanto crescia: ‘Pixote’ e ‘Cidade de Deus’. E eu conheci o gênero do Héctor Babenco, foi uma surpresa pra mim. E é engraçado, porque ele é argentino, mas vocês gostam muito dele, não é?”, comentou.

Realidade fictícia

A trama de “Marty Supreme” acompanha Marty Mauser (Chalamet) um jovem sonhador dos anos 1950, cuja meta de vida é ser o melhor mesatenista do mundo, não importa quem ele tenha que superar para fazer isso. No entanto, ele vai descobrir que a vida que ele sempre sonhou traz consequências.

O filme é levemente inspirado na história real de Marty Reisman, mas, segundo a dupla, não houve uma pesquisa a fundo sobre ele, já



Timothée Chalamet foi indicado ao Globo de Ouro de melhor ator de comédia por seu desempenho em ‘Marty Supreme’

Raquetadas rumo ao sucesso

Timothée Chalamet fala sobre escolha do Brasil para iniciar pelo Brasil a campanha de divulgação “Marty Supreme”, com três indicações ao Globo de Ouro



Timothée Chalamet durante o evento promocional de ‘Marty Supreme’ em São Paulo

que o longa retrata a ideia do sonho americano e suas falhas. Junto a isso, eles exploraram alguns dos maiores atletas de todos os tempos, como o astro do basquete Michael Jordan e o nadador Michael Phelps, para construir esse protagonista com o único foco de realizar seu sonho “maior que a vida”.

“Não pesquisei sobre alguém em específico. Eu compus o personagem em uma mistura de diversos fatores que me inspiraram. Assisti muitos filmes, procurei sobre a vida de atletas e até as músicas que esses esportistas ouviam”, contou Chalamet para explicar ao público seu processo de construção do personagem.

“É engraçado a gente falar no Michael Jordan, porque ele ensinou que o sonho não pode acabar. É como uma fome insaciável. E acredito que os verdadeiros atletas extraordinários sabem que a verdadeira grandeza é sobre o sonho e seguir sonhando, não sobre o fim dele”, completou Safdie.

“Marty Supreme” terá sessões especiais a partir de 8 de janeiro e estreia oficialmente no dia 22 de janeiro, com distribuição da Diamond Films.

“Houve dois filmes brasileiros extremamente poderosos que assisti enquanto crescia: ‘Pixote’ e ‘Cidade de Deus’”

JOSH SAFDIE



Amanda Melo/TMDQA



Estrela de Ouro para o céu da Tunísia

‘Paraíso Prometido’, da diretora Erige Serighi, ganha o prêmio principal da maratona cinéfila marroquina, coroando novas estéticas de CEPs africanos

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Harmonizado com o corte curatorial estipulado pela direção artística do Festival de Marrakech, o júri da 22ª edição do evento marroquino, presidido pelo cineasta sul-coreano Bong Joon Ho (de “Parasita”), concedeu a Estrela de Ouro de 2025 ao (melo) drama francês de DNA tunisiano “Paraíso Prometido” (“Promis Le Ciel”, de Erige Schiri).

Projetado pela primeira vez em Cannes, na mostra Un Certain Regard e já exibido no Brasil, no Festival do Rio (embora siga inédito em circuito comercial), o longa-metragem é uma celebração da sororidade, com base na luta de três mulheres num mundo racista. Uma delas, vivida por Debora Lobe Naney, recebeu um troféu à parte - o de Melhor Interpretação Feminina - votado em unanimidade pelas juradas e jurados, entre eles, o cearense Karim Aïnouz, diretor de “Motel Destino” (2024).

“Buscamos falar da imigração preservando as individualidades de cada personagem”, disse Erige no palco.

Jornalista de formação, a cineasta de origem familiar na Tunísia abandonou a reportagem a fim de se firmar em sets de filmagem. Ganhou notoriedade em 2022, com “Debaixo das Figueiras” e regressa agora, com Paraíso Prometido”, narrando as peripécias de uma dupla empoderada de amigas que bagunça a rotina de uma repórter que abraçou a fé e virou pastora evangélica. Em meio a suas pregações, essa religiosa transforma seu lar num abrigo informal para suas inquilinas, que encaram as asperezas do cotidiano. A chegada de uma órfã vai mudar a



Debora Lobe Naney (com as mãos no peito) é uma das protagonistas de ‘Paraíso Prometido’, melodrama franco-tunisiano premiado com a Estrela de Ouro de Marrakech



O momento da premiação do longa de Erige Schiri no encerramento do Festival de Marrakech

“Buscamos falar da imigração preservando as individualidades de cada personagem”

ERIGE SEHIRI

rotina das adultas que moram ali e testar as potências sentimentais de todas em cena.

“Com entrada gratuita para a população local, este festival, desde o seu início, em 2001, faz o esforço de construir relações muito fortes com cineastas e estrelas extraordinárias de todo o mundo. Tentamos nos concentrar, na competição, em trabalhos de diretoras e diretores que estejam no máximo em seu se-

gundo filme, apresentando o olhar novo e fresco que têm para júris repletos de artistas de respeito”, disse, programador responsável pela curadoria de Marrakech, em entrevista ao Correio da Manhã.

Entre os 13 longas em concurso, dois eram ensaios documentais e ambos saíram laureados, num empate corajoso, na escolha do Prêmio do Júri: o checheno “Memory”, de Vladlena Sandu, e o líbio “My

Father And Qaddafi”, de Jihan K, considerado uma espécie de “Ainda Estou Aqui” da não ficção. Ambos falam das consequências de conflitos de essência política na vida de mulheres, que tentam reconfigurar suas recordações familiares, entre arquivos e fábulas.

O (acertado) prêmio de Melhor Direção dado ao britânico Oscar Hudson pelo único filme de tons cômicos no certame, “Círculo Reto” (“Straight Circle”), foi antecedido por uma menção a seus atores, que são irmãos gêmeos: Elliott e Luke Tittensor. Eles encarnam soldados inimigos num combate que já não faz mais sentido. Paralelamente à vitória deles, o troféu de melhor Interpretação Masculina foi dado a Sopé Dirisú, por “A Sombra do Meu Pai” (“My Father’s Shadow”), uma reconstituição histórica anglo-nigeriana, que saiu de Cannes com o prêmio Câmera d’Or, em empate com o iraquiano “O Bolo do Presidente”. Sopé vive um pai que se empenha para desfrutar do amor dos filhos em meio a uma transformação eleitoral na Nigéria de 1993. Seu diretor, Akinola Davies Jr., esteve em terras brasileiras em outubro, na Mostra de São Paulo, de onde saiu com o Prêmio da Crítica.

“Por anos a fio, a África teve sua História contada por filmes europeus e americanos sob uma perspectiva branca. Agora, há uma geração que fala de seu continente com a legitimidade de quem viveu lá”, disse Akinola ao Correio.

Ao fim da premiação, o Palácio do Congresso de Marrakech exibiu o épico “Palestina 36”, num desfecho elegante para um festival cerca-



Dois bicudos podem se beijar sim, e de novo

Alfredo Del-Penho e Pedro Paulo Malta retomam casamento musical em álbum que dá sequência ao celebrado 'Dois Bicudos', lançado há 21 anos

AFFONSO NUNES

Vinte e um anos após “Dois Bicudos”, Alfredo Del-Penho e Pedro Paulo Malta retomam a parceria que em 2004 rendeu um dos discos de samba mais celebrados da época — indicado ao Prêmio da Música Brasileira e eleito entre os dez melhores do ano pelo jornal O Globo. “Bicudos Dois”, que chega às plataformas digitais nesta quinta-feira (11) pelo selo Biscoito Fino, atualiza a tradição das duplas vocais no samba brasileiro. O Correio da Manhã ouviu esta delícia de álbum de repertório sofisticado (e por vezes) desconhecido do grande público antes de seu lançamento oficial.

A estrada trajetória que conduziu os dois artistas a esse reencontro começou nas rodas de samba cariocas do início dos anos 2000. Pedro Paulo Malta, jornalista formado pela PUC-Rio e neto da pianista



Alfredo Del-Penho e Pedro Paulo Malta nos bastidores da gravação do álbum no estúdio da Biscoito Fino

e cantora Gylce Porto — que integrou o elenco da Rádio Nacional entre 1937 e 1938 —, iniciou sua

carreira como cantor em 1996, frequentando as rodas do Bip Bip em Copacabana e, posteriormente, do Bar Semente na Lapa. Alfredo Del-Penho, nascido em Cambuci (RJ) e radicado em Niterói, teve seu primeiro contato com o choro em 1998 e começou como integrante

do Grupo Unha de Gato. Ambos se destacaram como pesquisadores da música popular brasileira, atuando em projetos de restauração de acervos históricos e colaborando com artistas consagrados.

O primeiro encontro artístico da dupla aconteceu a convite do

produtor Maurício Carrilho para o álbum “Dois Bicudos”, lançado em 2004 pelo selo Quêlé, parceria da Acari Records com a Biscoito Fino. O disco, que reuniu canções inéditas de compositores como Nelson Cavaquinho, Cartola e Geraldo Pereira, consolidou a linguagem do dueto vocal no samba moderno e projetou nacionalmente os dois intérpretes. Desde então, ambos seguiram carreiras solo expressivas: Del-Penho lançou álbuns como “Samba Sujo” — que lhe rendeu o prêmio de Melhor Cantor de Samba no Prêmio da Música Brasileira de 2016 — e atuou em musicais como “Ópera do Malandro” e “Noel Rosa: Coisa Nossa”. Malta integrou espetáculos como “Sassaricando” e “É com esse que eu vou”, além de atuar como pesquisador e consultor para o Novo Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Com direção musical e arranjos de Paulo Aragão, “Bicudos Dois” une os ótimos timbres de Del-Penho e Malta numa releitura divertida do universo das grandes duplas do rádio das décadas de 1930 e 1940 — Francisco Alves e Mário Reis, Joel e Gaúcho, Ciro Monteiro e Dilermando Pinheiro — e presta tributo a compositores como Noel Rosa, Wilson Baptista, Lamartine Babo e Ismael Silva, Dorival Caymmi e Chico Buarque. O repertório combina canções inéditas com pérolas esquecidas como “O Que Eu Vier Eu Traço” (Alvaiade/Zé Maria), “Seja Breve (Noel Rosa)”, a “Marcha do Canto do Rio” (Lamartine Babo) e a atualíssima “Falso Patriota” (Geraldo Pereira), equilibrando humor, lirismo e crônicas do cotidiano em interpretações que nos aproximam do passado através de uma escuta renovada e necessária.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Para embalar o carnaval

Simone e Carlinhos Brown lançam “Primeiro Amor Primeiro” pela Candyall Music via Virgin Music Group, canção que chega com fôlego para para embalar o Carnaval 2026. Produzida durante temporada conjunta dos dois artistas em Salvador, a faixa conta com arranjo de cordas e metais de Jaques Morelenbaum. A parceria entre os artistas baianos resulta em sonoridade que mescla MPB e axé music. Brown destaca que a música nasceu de conversas sobre memórias afetivas. O single já está disponível nas plataformas digitais de streaming.



Divulgação

Dois singles em parceria

Paulo Miklos e Papisa lançam dois singles pela gravadora Deck: “Maremoto” e “São Paisagens, Novas Descobertas”. A parceria surgiu após convite da cantora para shows no Centro da Terra. As faixas exploram temas como amor e separação, com formação minimalista e participação de Charles Tixier. Em “Maremoto”, Miklos utilizou o mesmo baixo de “Sonífera Ilha”, dos Titãs. A dupla apresenta o trabalho no Circuito — Nova Música, Novos Caminhos, entre 5 e 7 de dezembro, em Campinas, Americana e São Paulo.



Divulgação

Em modo solo

Ex-integrante do Now United, Josh Beauchamp se aventura em carreira solo com a faixa “Love You Again”. Produzida por Andy Schmidt e Jonathan Asperil, a canção aborda autoconhecimento e valorização pessoal a partir de um relacionamento passado. O artista canadense, nascido em Edmonton, construiu trajetória na dança e música desde criança, com participações em programas como World of Dance (NBC) e vídeos de Justin Bieber e Dove Cameron. O single já está disponível nas plataformas digitais.



Jéssica Ellen, Helga Nemetik, Maria Bia e Giovana Zotti vivem quatro mães de vivências distintas em 'Mães, o Musical'

Humor e identificação na jornada da maternidade

Cláudia Raia produz musical que fez sucesso no circuito off-Broadway em versão brasileira com direção de Jarbas Homem de Mello



Reprodução Instagram

A maternidade, com suas contradições, exaustões e alegrias está em “Mães, o Musical”, que entra em sua última semana em cartaz no Teatro das Artes, trazendo ao público carioca o espetáculo que conquistou plateias no circuito off-Broadway. Com texto, letras e músicas originais da estadunidense Sue Fabisch, a montagem recebeu versão brasileira de Anna Toledo e direção de Jarbas Homem de Mello, propondo um mergulho bem-humorado e emocionante nas múltiplas facetas de ser mãe.

A produção nasceu de uma motivação pessoal de Cláudia Raia, que assina a produção geral do espetáculo.

“É uma comédia inteligente e sensível sobre um tema que todo mundo conhece. Quem ainda não viveu a maternidade, provavelmente viverá e quem não viver, certamente acompanhou de perto a trajetória da própria mãe”

lo. Aos 56 anos, atriz viveu a experiência da maternidade tardia com dois filhos. “A motivação para produzir o espetáculo Mães nasceu da minha própria experiência: ser mãe

de dois filhos e viver a maternidade de forma tardia, aos 56 anos, despertou em mim uma vontade profunda de falar sobre esse universo com leveza, humor e, acima de tudo, ver-

dade”, conta a atriz e produtora. Para ela, o tema possui alcance universal. “Mães é uma comédia inteligente e sensível sobre um tema que todo mundo conhece. Quem ainda não

viveu a maternidade, provavelmente viverá e quem não viver, certamente acompanhou de perto a trajetória da própria mãe. É um assunto que toca a todos.”

A narrativa se estrutura em torno de um chá de bebê, ambiente propício para confidências e revelações entre amigas. Jéssica Ellen interpreta Dani, grávida do primeiro filho, que reúne três mulheres representando diferentes estágios e desafios da maternidade: Júlia, vivida por Maria Bia, advogada workaholic que tenta conciliar carreira e filhos; Márcia, interpretada por Giovana Zotti, mãe de cinco crianças; e Tina, papel de Helga Nemetik, separada e em busca de equilíbrio entre trabalho, família e as complexidades do divórcio. O encontro funciona como pretexto para que experiências sejam compartilhadas, medos sejam expostos e a cumplicidade feminina se revele em cena.

O espetáculo aposta em canções originais no estilo pop/rock para conduzir a dramaturgia, criando uma atmosfera que transita entre o cômico e o emocional. A trilha sonora, especialmente composta para a montagem e traduzida para o português, adiciona camadas de sensibilidade à narrativa, reforçando momentos de identificação com a plateia. A escolha pelo musical como formato não é gratuita: permite que situações cotidianas ganhem dimensão poética e que o humor conviva naturalmente com reflexões mais profundas sobre os dilemas maternos.

Jarbas Homem de Mello, diretor da versão brasileira, destaca a universalidade do tema como elemento central da encenação. “Em ‘Mães’, mergulhamos na essência da maternidade por meio de quatro amigas que vivem diferentes fases dessa jornada. O cenário, um apartamento que se transforma em múltiplos ambientes, simboliza as muitas facetas do universo materno”, explica. A cenografia de Natália Lana e os figurinos contemporâneos de Bruno Oliveira contribuem para essa atmosfera de identificação, evitando estereótipos e aproximando as personagens da realidade do público. “Inspirado em um sucesso off-Broadway, Mães é uma comédia afetuosa e bem-humorada que celebra, com autenticidade e leveza, a beleza atemporal da maternidade”, completa o diretor. A proposta é justamente celebrar a vida real, sem idealizações. “O espetáculo é uma celebração da vida real, daquelas mulheres que encaram os desafios da maternidade com amor, exaustão e, claro, uma boa dose de riso”, resume Cláudia Raia.

CLÁUDIA RAIA

SERVIÇO

MÃES, O MUSICAL

Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52 - Loja 264)

Até 14/12, sexta e sábado (20h) e domingo (18h)

Ingresso entre R\$ 25 e R\$ 190



Fotos/Henrique Luz/Divulgação

Os trabalhos mais recentes estarão reunidos por temas, conjuntos de linguagens. Entre eles, estarão obras que trazem imagens do Rio de Janeiro

A acessibilidade como gesto poético e político

Artista paulistano Gilberto Salvador retorna ao Rio após 17 anos com mostra no Paço Imperial

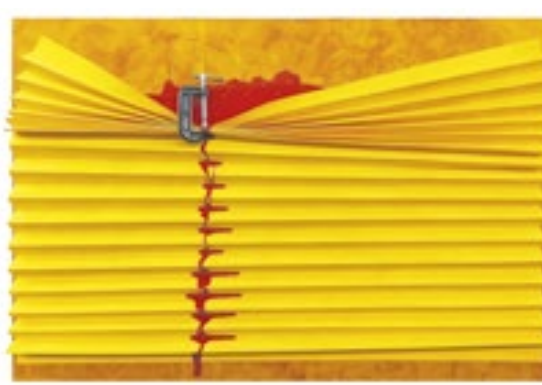


AFFONSO NUNES

O Paço Imperial inaugura nesta terça-feira (9) “Geometria Visceral”, panorama da produção recente de Gilberto Salvador que marca o retorno do artista paulistano aos espaços expositivos cariocas. Com curadoria de Denise Mattar, a mostra ocupa os três salões do segundo pavimento com cerca de 40 trabalhos entre pinturas, esculturas e vídeos, revelando ao público uma trajetória de mais de 60 anos ainda pouco conhecida na cidade.

A ausência prolongada tem razões concretas. Salvador, que convive desde os nove meses com sequelas de paralisia infantil, enfrenta severas limitações de locomoção que dificultaram sua circulação para além do circuito paulistano. E é justamente essa condição que alimenta uma das dimensões mais potentes da exposição: duas esculturas táteis, criadas especialmente para serem tocadas pelos visitantes. “Acho fundamental o público ter essa experiência”, afirma o artista, que transforma a acessibilidade em gesto poético e político.

Para Denise Mattar, a mostra carrega caráter de descoberta. “A obra de Salvador, integrante essencial da cena artística paulista, é hoje pouco conhecida no Rio,



em grande parte devido às dificuldades de locomoção do artista, cadeirante, pouco afeito a evocar suas limitações físicas, e, exatamente por isso, um exemplo de resiliência e coragem”, observa a curadora.

Racionalidade construtiva

Embora centrada nos trabalhos recentes, a exposição se abre com obras emblemáticas das décadas de 1960 e 1970, pontuando momentos decisivos do percurso de Salvador. Entre elas, “Viu...!” (1968) evidencia o embate com a ditadura militar, período crucial em sua formação. “Desde os seus primeiros trabalhos nos anos 1960, Gilberto soube fundir a racionalidade construtiva com um ímpeto visual orgânico. Suas primeiras experimentações gráficas e pictóricas revelam uma consciência política imbricada ao ato plástico — a cor como discurso, o traço como denúncia”, analisa Mattar.

A trajetória do artista desenha um movimento da figuração à abstração, sempre atravessado pela diversidade material. Formado em arquitetura e urbanismo pela FAU-USP, Salvador incorpora folhas de acrílico, metal, objetos da construção civil e outros elementos em composições de notável coerência formal. “Gilberto incorpora diferentes materiais de uma forma absolutamente harmônica, é um trabalho muito rico de materiais, em todas as fases de sua trajetória”, destaca a curadora.

Os recortes que destacam formas e o cromatismo vibrante constituem marcas distintivas de seu vocabulário visual. “Quando eu era criança uma das coisas que mais me impressionava eram os cartazes que havia na porta dos cinemas, com uma cena printada na madeira e recortada como se ela estivesse ganhando vida”, recorda Salvador, que também trabalhou longamente com paisagismo. “O Brasil tropical é colorido, a nossa flora é colorida”, destaca o artista.

SERVIÇO

GEOMETRIA VISCERAL
Paço Imperial (Praça XV de Novembro, 48, Centro)
De 9/12 a 1/3/2026, de terça a domingo e feriados (12h às 18h) | Entrada franca